

RELIGIOSIDADE NÓRDICA POR MEIO DE UM OLHAR VITORIANO: *THE FOLK OF THE MOUNTAIN DOOR* (O POVO DO SOPÉ DA MONTANHA), DE WILLIAM MORRIS (1914)

NORSE RELIGIOUSNESS THROUGH A VICTORIAN GAZE: *THE FOLK OF THE MOUNTAIN DOOR*, BY WILLIAM MORRIS (1914)

Rafael Silva Fouto¹

Resumo: Este artigo apresenta uma tradução do conto chamado *The Folk of the Mountain Door* (1914), escrito por William Morris ao final de sua vida. Um escritor romântico inglês do período vitoriano, Morris estudou nórdico antigo e as sagas com seu amigo islandês Eiríkr Magnússon, produzindo traduções das mesmas e obras literárias próprias com influência da mitologia nórdica. O texto aqui traduzido se trata de uma de suas obras escritas com influência dos estudos nórdicos, particularmente no que concerne à religiosidade e aspectos das comunidades da era Viking (793-1066 D.C.); nesse sentido, narra a vinda de dois anciãos misteriosos ao salão de banquetes durante o Dia-do-nome do filho do rei, bem como a enigmática mensagem trazida por esses visitantes. Optou-se por uma tradução que se aproximasse ao máximo do texto original, desse modo reproduzindo, em língua portuguesa, o estilo único de William Morris.

Palavras-chave: William Morris; religiosidade nórdica; sagas islandesas; comunidade.

Abstract: This article presents a translation of the short story called *The Folk of the Mountain Door* (1914), written by William Morris at the end of his life. A romantic English writer from the Victorian period, Morris studied Old Norse and the sagas with his Icelandic friend Eiríkr Magnússon, producing translations of the sagas and his own literary works influenced by Norse mythology. The text translated here deals with one of his works written with the influence of Norse studies, particularly concerning the religiousness and community aspects of the Viking Age (793-1066 AD); in this sense, the text narrates the coming of two mysterious elders to the feast-hall during the Name-day of the king's son, as well as the enigmatic message brought by these visitors. A translation that could be as close as possible to the original text was chosen, thus replicating, in the Portuguese language, William Morris's unique style.

Keywords: William Morris; Norse religiousness; Icelandic sagas; community.

¹ Mestre em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. e-mail: rafaelfouto@gmail.com.

Introdução

O escritor inglês William Morris (24 de março de 1834 – 3 de outubro de 1896) foi um poeta, romancista, tradutor, arquiteto, designer têxtil e socialista do período vitoriano. Tão ecléticas em temáticas fantásticas quanto o foram suas áreas de atuação em vida, suas obras literárias são, infelizmente, de conhecimento restrito no Brasil, ofuscadas por autores de fantasia mais famosos que vieram no século seguinte, tais como J.R.R. Tolkien e C.S. Lewis, que ao contrário de Morris tiveram reconhecimento internacional e parte significativa de suas obras traduzidas para o português. Ainda que hoje Morris seja lembrado principalmente pelas suas estampas, pinturas e decorações, em vida muito de sua fama advinha de seus trabalhos como escritor, e, dentro desse âmbito, como aponta Michelle Weinroth (2015, p. 3), ele é autor de diversas obras tanto em prosa quanto em poesia, dentre elas um dos mais longos poemas já produzidos em língua inglesa, *The Earthly Paradise* (1870). Conforme apontam Phillippa Bennett e Rosie Miles (2010), Morris lutou a vida inteira pela justiça social e democracia, indo diretamente contra muitos dos aspectos da sociedade e dos valores vitorianos do período em que viveu, sendo, inclusive, o fundador da *Socialist League* (Liga Socialista) em 1884; batalhou também contra o declínio do artesanato, da arte e da arquitetura, bem como contra a destruição do meio ambiente causada pela industrialização (2010, p. 1). Tais elementos, em particular sua atuação nas causas socialistas e ambientalistas, aparecem frequentemente em suas obras, sendo o romance *News from Nowhere* (1890) – uma de suas principais obras de ficção científica, publicada em 1890 – o maior exemplo dessa influência.

Um herdeiro de algumas características do Romantismo, em especial no seu interesse pela natureza, pelas causas sociais e pelo passado histórico, William Morris foi também um dos precursores do gênero fantástico moderno, influenciando diversos autores de fantasia posteriores. Nesse sentido, foi também um medievalista, adaptando histórias arturianas e moldando a própria estrutura e linguagem de muitas de suas obras nos romances medievais, especialmente do período linguístico do inglês médio (1150 a 1500 D.C.). Seu interesse pelo período histórico medieval ia além de suas obras literárias, pois, conforme aponta Linda Parry (1983), também em sua produção têxtil reviveu técnicas

antigas como a tecelagem à mão e o uso de tingimentos naturais, tendo como inspiração a produção das tapeçarias medievais. Dorothee de Bruchard reforça que o trabalho de Morris como arquiteto foi dedicado a preservar e restaurar monumentos históricos (2015, p. 85); o autor devotou-se, também, à imagem do livro como arte, explorando a caligrafia e a produção de manuscritos iluminados, fundando uma editora própria chamada Kelmscott Press e, por meio desta, trouxe novamente ao público britânico métodos tradicionais de impressão e o renascimento da estética dos livros medievais (BRUCHARD, 2015, p. 86).

David Ashurst informa que, desde seus primeiros escritos, Morris já demonstrava fascínio em assuntos relacionados à medievalística e aos estudos nórdicos, mesmo considerando a escassez de textos traduzidos em primeira mão do nórdico antigo para o inglês em sua época (2007, p. 43). O grande momento divisor de águas para o autor no que concerne seus estudos de literatura nórdica ocorreu em 1868, quando iniciou sua amizade com o teólogo islandês Eiríkr Magnússon, e pôde com a ajuda deste aprimorar seu conhecimento da língua nórdica antiga por meio da leitura em conjunto das sagas islandesas (Ashurst, 2007, p. 45). As duas visitas de Morris à Islândia, em 1871 e 1873, consolidaram o impacto que a literatura islandesa e nórdica teria em sua vida: lá o autor encontrou uma paisagem diametralmente oposta à realidade da Inglaterra, a qual se tornou uma revelação e até mesmo um reforço para sua visão socialista de mundo, de acordo com Fiona MacCarthy (2015). O resultado da amizade com Magnússon e das viagens à Islândia foram as traduções que Morris produziu de várias das sagas, muitas ainda inéditas em língua inglesa, assim como o seu mais complexo poema, *The Story of Sigurd the Volsung and the Fall of the Niblungs* (1877). Este poema resultou em um épico de mais de 10.000 versos com intrincada métrica e vocabulário, com o objetivo de reproduzir a linguagem das sagas na língua inglesa moderna e ao mesmo tempo narrar uma versão quase novelística da famosa história.

Os seus chamados “romances em prosa”, em grande parte escritos nos últimos nove anos de sua vida, influenciaram diversos autores posteriores, mais famosamente J.R.R. Tolkien, Sir Henry Newbolt e até mesmo James Joyce, o qual cita Morris em sua obra autobiográfica *Stephen Hero* (1963, p. 26). Com base nisso, o texto *The Folk of the Mountain Door* aqui traduzido se trata, conforme Isolde Karen Herbert (2003, p. 104), de um romance

em prosa não concluído por Morris, assumindo assim a forma de conto e publicado postumamente por sua filha, May Morris, em 1914, sendo que o título também foi dado por ela. Escrito na elaborada e lírica linguagem característica do autor, é visível a influência das sagas islandesas na composição da narrativa, apesar da ausência de ambientação específica em determinada região ou país ao longo do desenvolvimento da história.

The Folk of the Mountain Door, by William Morris

Of old time, in the days of the kings, there was a king of folk, a mighty man in battle, a man deemed lucky by the wise, who ruled over a folk that begrudged not his kingship, whereas they knew of his valour and wisdom and saw how by his means they prevailed over other folks, so that their land was wealthy and at peace save about its uttermost borders. And this folk was called the Folk of the Mountain Door, or more shortly, of the Door.

Strong of body was this king, tall and goodly to look on, so that the hearts of women fluttered with desire when he passed them by. In the prime and flower of his age he wedded a wife, a seemly mate, a woman of the Earl-kin, tall and white-skinned, golden haired and grey-eyed; healthy, sweet-breathed, and soft-spoken, courteous of manners, wise of heart, kind to all folk, well-beloved of little children. In early spring-tide was the wedding, and a little after Yule she was brought to bed of a man-child of whom the midwives said they had never seen a fairer. He was sprinkled with water and was named Host-lord after the name of his kindred of old.

Great was the feast of his name-day, and much people came thereto, the barons of the land, and the lords of the neighbouring folk who would fain stand well with the king; and merchants and craftsmen and sages and bards; and the king took them with both hands and gave them gifts, and hearkened to their talk and their tales, as if he were their very earthly fellow; for as fierce as he was afield with the sword in his fist, even so meek and kind he was in the hall amongst his folk and the strangers that sought to him.



Now amongst the guests that ate and drank in the hall on the even of the Name-day, the king as he walked amidst the tables beheld an old man as tall as any champion of the king's host, but far taller had he been, but that he was bowed with age. He was so clad that he had on him a kirtle of lambswool undyed and snow-white, and a white cloak, lined with ermine and welted with gold; a golden fillet set with gems was on his head, and a gold-hilted sword by his side; and the king deemed as he looked on him that he had never seen any man more like to the Kings of the Ancient World than this man. By his side sat a woman old and very old, but great of stature, and noble of visage, clad, she also, in white wool raiment embroidered about with strange signs of worms and fire-drakes, and the sun and the moon and the host of heaven.

So the king stayed his feet by them, for already he had noted that at the table whereat they sat there had been this long time at whiles greater laughter and more joyous than anywhere else in the hall, and whiles the hush of folk that hearken to what delights the inmost of their hearts. So now he greeted those ancients and said to them: "Is it well with you, neighbours?" And the old carle hailed the king, and said, "There is little lack in this house today."

"What lack at all do ye find therein?" said the king. Then there came a word into the carle's mouth and he sang in a great voice:

Erst was the earth
Fulfilled of mirth:
Our swords were sheen
In the summer green;
And we rode and ran
Through winter wan,
And long and wide
Was the feast-hall's side.



And the sun that was sunken
Long under the wold
Hung ere we were drunken
High over the gold;
And as fowl in the bushes
Of summer-tide sing
So glad as the thrushes
Sang earl-folk and king.
Though the wild wind might splinter
The oak-tree of Thor,
The hand of mid-winter
But beat on the door.

“Yea,” said the king, “and dost thou say that winter hath come into my hall on the Name-day of my first-born?”

“Not so,” said the carle.

“What is amiss then?” said the king. Then the carle sang again:

Were many men
In the feast-hall then,
And the worst on bench
Ne'er thought to blench
When the storm arose
In the war-god's close;
And for Tyr's high-seat,
Were the best full meet:
And who but the singer
Was leader and lord,
I steel-god, I flinger



Of adder-watched hoard?
Aloft was I sitting
Amidst of the place
And watched men a-flitting
All under my face.
And hushed for mere wonder
Were great men and small
As my voice in rhyme-thunder
Went over the hall.

“Yea,” said the king, “thou hast been a mighty lord in days gone past, I thought no less when first I set eyes on thee. And now I bid thee stand up and sit on the high-seat beside me, thou and thy mate. Is she not thy very speech-friend?”

Therewith a smile lit up the ancient man's face, and the woman turned to him and he sang:

Spring came of old
In the days of gold,
In the thousandth year
Of the thousands dear,
When we twain met
And the mead was wet
With the happy tears
Of the best of the years.
But no cloud hung over
The eyes of the sun
That looked down on the lover
Ere eve was begun.
Oft, oft came the greeting
Of spring and her bliss



To the mead of our meeting,
The field of our kiss.
Is spring growing older?
Is earth on the wane
As the bold and the bolder
That come not again?

“O king of a happy land,” said [the ancient man], “I will take thy bidding, and sit beside thee this night that thy wisdom may wax and the days that are to come may be better for thee than the days that are.”

So he spake and rose to his feet, and the ancient woman with him, and they went with the king up to the high-seat, and all men in the feast-hall rose up and stood to behold them, and they deemed them wonderful and their coming a great thing.

But now when they were set down on the right hand and the left hand of the king, he turned to the ancient man and said to him: “O Lord of the days gone past, and of the battles that have been, wilt thou now tell me of thy name, and the name of thy mate, that I may call a health for thee first of all great healths that shall be drunk tonight.”

But the old man said and sang:

King, hast thou thought
How nipped and nought
Is last year's rose
Of the snow-filled close?
Or dost thou find
Last winter's wind
Will yet avail
For thy hall-glee's tale?



E'en such and no other
If spoken tonight
Were the name of the brother
Of war-gods of might.
Yea the word that hath shaken
The walls of the house
When the warriors half waken
To battle would rouse
Ye should drowse if ye heard it
Nor turn in the chair.
O long long since they feared it
Those foemen of fear!
Unhelpful, unmeaning
Its letters are left;
For the man overweening
Of manhood is reft.

This word the king hearkened, and found no word in his mouth to answer: but he sat pondering heavy things, and sorrowful with the thought of the lapse of years, and the waning of the blossom of his youth. And all the many guests of the great feast-hall sat hushed, and the hall-glee died out amongst them.

But the old man raised his head and smiled, and he stood on his feet, and took the cup in his hand and cried out aloud: "What is this my masters, are ye drowsy with meat and drink in this first hour of the feast? Or have tidings of woe without words been borne amongst you, that ye sit like men given over to wan hope, awaiting the coming of the doom that none may gainsay, and the foe that none may overcome? Nay then, nay; but if ye be speechless I will speak; and if ye be joyless I will rejoice and bid the good wine welcome home. But first will I call a health over the cup:



"Pour, white-armed ones,
 As the Rhine flood runs!
 And O thanes in hall
 I bid you all
 Rise up, and stand
 With the horn in hand,
 And hearken and hear
 The old name and the dear.
 To HOST-LORD the health is
 Who guarded of old
 The House where the wealth is
 The Home of the gold.
 And again the Tree bloometh
 Though winter it be
 And no heart of man gloometh
 From mountain to sea.
 Come thou Lord, the rightwise,
 Come Host-lord once more
 To thy Hall-fellows, fightwise
 The Folk of the Door!"

Huge then was the sudden clamour in the hall, and the shouts of men and clatter of horns and clashing of weapons as all folk old and young, great and little, carle and quean, stood up on the Night of the Name-day. And once again there was nought but joy in the hall of the Folk of the Door.

But amidst the clamour the inner doors of the hall were thrown open, and there came in women clad most meetly in coloured raiment, and amidst them a tall woman in scarlet, bearing in her arms the babe new born clad in fine linen and wrapped in a golden cloth, and she bore him up thus toward the high-seat, while all men shouted even more if it were



possible, and set down cup and horn from their lips, and took up sword and shield and raised the 'shield-roar in the hall.

But the [king] rose up with a joyful countenance, and got him from out of his chair, and stood thereby: and the women stayed at the foot of the dais all but the nurse, who bore up the child to the king, and gave it into his arms; and he looked fondly on the youngling for a short space, and then raised him aloft so that all men in the hall might see him, and so laid him on the board before them and took his great spear from the wall behind him and drew the point thereof across and across the boy's face so that it well nigh grazed his flesh: at the first and at the last did verily graze it as little as might be, but so that the blood started; and while the babe wailed and cried, as was to be looked for, the king cried aloud with a great voice:

“Here mark I thee to Odin even as were all thy kin marked from of old from the time that the Gods were first upon the earth.”

Then he took the child up in his arms and laid him in his own chair, and cried out: “This is Host-lord the son of Host-lord King and Duke of the Folk of the Door, who sitteth in his father's chair and shall do when I am gone to Odin, unless any of the Folk gainsay it.”

When he had spoken there came a man in at the door of the hall clad in all his war-gear with a great spear in his hand, and girt with a sword, and he strode clashing through the hall up to the high-seat and stood by the chair of the king and lifted up his helm a little and cried out:

“Where are now the gainsayers, or where is the champion of the gainsayers? Here stand I Host-rock of the Falcons of the Folk of the Door, ready to meet the gainsayers?”

And he let his helm fall down again so that his face was hidden. And a man one-eyed and huge rose up from the lower benches and cried out in a loud voice: “O champion, hast



thou hitherto foregone thy meat and drink to sing so idle a song over the hall-gee? Come down amongst us, man, and put off thine armour and eat and drink and be merry; for [of] thine hunger and thirst am I full certain. Here be no gainsayers, but brethren all, the sons of one Mother and one Father, though they be grown somewhat old by now.”

Then was there a clamour again, joyous with laughter and many good words. And some men say, that when this man had spoken, the carle and quean ancient of days who sat beside the king's chair, were all changed and seemed to men's eyes as if they were in the flower of their days, mighty, and lovely and of merry countenance: and it is told that no man knew that big-voiced speaker, nor whence he came, and that presently when men looked for him he was gone from the hall, and they knew not how.

Be this as it may, the two ancient ones each stooped down over the chair whereas lay the little one and kissed him; and the old man took his cup and wetted the lips of the babe with red wine, and the old woman took a necklace from her neck of amber and silver and gold and did it on the youngling's neck and spake; and her voice was very sweet though she were old; and many heard the speech of her:

“O Host-lord of this even, Live long and hale! Many a woman shall look on thee and few that see thee shall forbear to love thee.”

Then the nurse took up the babe again and bore him out to the bower where lay his mother, and the folk were as glad as glad might be, and no man hath told of mirth greater and better than the hall-gee of that even. And the old carle sat yet beside the king and was blithe with him and of many words, and told him tales that he had never known before; and all these were of the valiant deeds and the lives of his fathers before him, and strange stories of the Folk of the Door and what they had done, and the griefs which they had borne and the joys which they had won from the earth and the heavens and the girdling waters of the world. And the king waxed exceeding glad as he heard it all, and thought he would try to



bear it in mind as long as he lived; for it seemed to him that when he had parted from those two ancient ones, that night, he should never see them again.

So wore the time and the night was so late, that had it been summer-tide, it had been no night but early day. And the king looked up from the board and those two old folk, and beheld the hall, that there were few folk therein, save those that lay along by the walls of the aisles, so swiftly had the night gone and all folk were departed or asleep. Then was he like a man newly wakened from a dream, and he turned about to the two ancients almost looking to see their places empty. But they abode there yet beside him on the right hand and on the left; so he said: "Guests, I give you all thanks for your company and the good words and noble tales wherewith ye have beguiled this night of winter, and surely tomorrow shall I rise up wiser than I was yesterday. And now me seemeth ye are old and doubtless weary with the travel and the noisy mirth of the feast-hall, nor may I ask you to abide bedless any longer, though it be great joy to me to hearken to your speech. Come then to the bower aloft and I will show you the best of beds and the soft and kind place to abide the uprising of tomorrow's sun; and late will he arise, for this is now the very midwinter, and the darkest of all days in the year."

Then answered the old man: "I thank thee, O son of the Kindred; but so it is that we have further to wend than thou mightest deem; yea, back to the land whence we came many a week of years ago and before the building of houses in the land, between the mountain and the sea. Wherefore if thou wouldest do aught to honour us, come thou a little way on the road and see us off in the open country without the walls of thy Burg: then shall we depart in such wise that we shall be dear friends as long as we live, thou and thine, and I and mine."

"This is not so great an asking," said the king, "but that I would do more for thee; yet let it be as thou wilt."



And he arose from table and they with him, and they went down the hall amidst the sleeping folk and the benches that had erst been so noisy and merry, and out a-doors they went all three and into the street of the Burg. Open were the Burg-gates and none watched there, for there was none to break the Yule-tide peace; so the king went forth clad in his feasting-raiment, and those twain went, one on either side of him. The mid-winter frost was hard upon the earth, so that few waters were running, and all the face of the world was laid under snow: high was the moon and great and round in a cloudless sky, so that the stars looked but little.

The king set his face toward the mountains and strode with great strides over the white highway betwixt the hidden fruitfulness of the acres, and he was as one wending on an errand which he may not forego; but at last he said: "Whither wend we and how far?" Then spake the old man: "Whither should we wend save to the Mountain Door, and the entrance to the land whence the folk came forth, when great were its warriors and little was the tale of them."

Then the king spake no more, but it seemed to him as if his feet sped on faster than their wont was, and as if those twain bore him up so that his feet were but light on the face of the earth.

Thuswise they passed the plain and the white-clad ridges at the mountain feet in no long while, and were come before the yawning gap and strait way into the heart of the mountains, and there was no other way thereinto save this; for elsewhere, the cliffs rose like a wall from the plain-country. Grim was that pass, and high were the sides of it beneath the snow, which lay heaped up high, so now there were smooth white slopes on either side of the narrow road of the pass; while the wind had whistled the said road in most places well nigh clear of snow, which even now went whirling and drifting about beneath the broad moon. For the wind yet blew though the night was old, and the sound of it in the clefts of the rocks and the windings of the pass was like the rolling of the summer thunder.



Up the pass they went till it widened, and there was a wide space before them, the going up whereto was as by stairs, and also the going up from it to the higher pass; and all around it the rocks were high and sheer, so that there was no way over them save for the fowl flying; and were it not winter there had been a trickling stream running round about the eastern side of the cliff wall which lost itself in the hollow places of the rocks at the lower end of that round hall of the mountain, unroofed and unpillared. Amid most the place the snow was piled up high; for there in summer was a grassy mound amidst of a little round meadow of sweet grass, treeless, bestrewn here and there with blocks that had been borne down thitherward by the waters from the upper mountain; and for ages beyond what the memory of men might tell of this had been the Holy place and Motestead of the Folk of the Door.

Now all three went up on to the snow-covered mound, and those two turned about and faced the king and he saw their faces clearly, so bright as the moon was, and now it was so that they were no more wrinkled and hollow-cheeked and sunken-eyed, though scarce might a man say that they looked young, but exceeding fair they were, and they looked on him with eyes of love, and the carle said: "Lord of the Folk of the Door, father of the son new born whom the Folk this night have taken for their father, and the image of those that have been, we have brought thee to the Holy Place that we might say a word to thee and give thee a warning of the days to come, so that if it may be thou mightest eschew the evil and ensue the good. For thou art our dear son, and thy son is yet dearer to us, since his days shall be longer if weird will so have it. Hearken to this by the token that under the grass, beneath this snow, lieth the first of the Folk of the Door of those that come on the earth and go thence; and this was my very son begotten on this woman that here standeth. For wot thou that I am Host-lord of the Ancient Days, and from me is all the blood of you come; and dear is the blood of my sons and my name even as that which I have seen spilt on field and in fold, on grass and in grange, without the walls of the watches and about the lone wells of the desert places. Hearken then, Host-lord the Father of Host-lord, for we have looked into the life of thy son; and this we say is the weird of him; childless shall he be unless he wed as his will is; for of all his kindred none is wilfuller than he. Who then shall he wed, and

where is the House that is lawful to him that thou hast not heard of? For as to wedding with his will in the House whereof thou wottest, and the Line of the Sea-dwellers, look not for it. Where then is the House of his wedding, lest the Folk of the Door lose their Chieftain and become the servants of those that are worser than they? I may not tell thee; and if I did, it would help thee nought. But this I will tell thee, when thy fair son is of fifteen winters, until the time that he is twenty winters and two, evil waylayeth on him: evil of the sword, evil of the cord, evil of the shaft, evil of the draught, evil of the cave, evil of the wave. O Son and father of my son, heed my word and let him be so watched that while as none hath been watched and warded of all thy kindred who have gone before, lest when his time come and he depart from this land he wander about the further side of the bridge that goeth to the Hall of the Gods, for very fear of shaming amongst the bold warriors and begetters of kindred and fathers of the sons that I love, that shall one day sit and play at the golden tables in the Plains of Ida.”

So he spake, but the king spake: “O Host-lord of the Ancients I had a deeming of what thou wert, and that thou hadst a word for me. Wilt thou now tell me one thing more? In what wise shall I ward our son from the evil till his soul is strengthened, and the Wise-wights and the Ancients are become his friends, and the life of the warrior is in his hands and the days of a chieftain of our folk?”

Then the carle smiled on him and sang:

Wide is the land
Where the houses stand,
There bale and bane
Ye scarce shall chain;
There the sword is ground
And wounds abound;
And women fair
Weave the love-nets there.



Merry hearts in the Mountain
Dales shepherd-men keep,
And about the Fair Fountain
Need more than their sheep.
Of the Dale of the Tower
Where springeth the well
In the sun-slaying hour
They talk and they tell;

And often they wonder
Whence cometh the name
And what tale lies thereunder
For honour or shame.
For beside the fount welling
No castle now is;
Yet seldom foretelling
Of weird wends amiss.

Quoth the king, "I have heard tell of the Fair Fountain and the Dale of the Tower; though I have never set eyes thereon, and I deem it will be hard to find. But dost thou mean that our son who is born the Father of the Folk shall dwell there during that while of peril?"

Again sang the carle:

Good men and true,
They deal and do
In the grassy dales
Of that land of the tales;



Where dale and down
Yet wears the crown
Of the flower and fruit
From our kinship's root.
There little man sweateth
In trouble and toil,
And in joy he forgetteth
The feud and the foil.
The weapon he wendeth
Achasing the deer,
And in peace the moon endeth
That endeth the year.
Yet there dwell our brothers,
And should they but know
They thy stem of all others
Were planted to grow
Beside the Fair Fountain,
How fain were those men
Of the God of the Mountain
So come back again.

Then the king said: "Shall I fulfill the weird and build a Tower in the Dale for our Son?
And deemest thou he shall dwell there happily till the time of peril is overpast?"

But the carle cried out, "Look, look! Who is the shining one who cometh up the pass?"

And the king turned hastily and drew his sword, but beheld neither man nor mare in
the mountain, and when he turned back again to those twain, lo! they were clean gone, and
there was nought in the pass save the snow and the wind, and the long shadows cast by the
sinking moon. So he turned about again and went down the pass; and by then he was come

into the first of the plain-country once more, the moon was down and the stars shone bright and big; but even in the dead mid-winter there was a scent abroad of the coming of the dawn. So went the king as speedily as he might back to the Burg and his High House; and he was glad in his inmost heart that he had seen the God and Father of his Folk.

O Povo do Sopé da Montanha, de William Morris²

Dos tempos de outrora, nos dias dos reis, havia um rei do povo, um poderoso homem na batalha, um homem considerado afortunado pelos sábios, que reinou sobre um povo que não invejou sua realeza, visto que sabiam de seu valor e sabedoria e viam como por seus meios eles prevaleceram sobre outros povos, de maneira que sua terra era rica e pacífica salvo apenas em suas fronteiras mais extremas. E esse povo era chamado de Povo do Sopé da Montanha, ou em poucas palavras, do Sopé.

Forte de físico era este rei, alto e vistoso de se olhar, de modo que os corações das mulheres pulsavam com desejo quando ele passava. No apogeu e florescer de sua idade ele desposou uma mulher, uma graciosa companheira, uma senhora do clã do Conde, alta e alva, de cabelos dourados e olhos cinzentos; saudável, de hálito doce, e fala mansa, de conduta cortês, sábia de coração, bondosa para com todo o povo, bem amada pelas crianças. No início da primavera foi o casamento, e um pouco após o Yule³ ela foi levada ao parto de um menino, sobre o qual as parteiras disseram nunca terem visto mais belo. Ele foi aspergido com água e nomeado Lorde-da-hoste em honra ao nome de seu antepassado.

² A tradução aqui apresentada busca reproduzir a forma e estilo do texto-fonte; nesse sentido, foi empregado vocabulário e sintaxe propositalmente arcaicos, tanto na prosa quanto nos poemas contidos dentro do conto, tal como William Morris empregou em sua escrita original. Considerando que a principal característica da linguagem literária do autor é o arcaísmo de forma e o caráter lírico de sua prosa, uma adaptação e modernização da linguagem no texto-alvo privaria o leitor de língua portuguesa de um contato mais íntimo com o estilo de Morris.

³ Festival historicamente observado pelos vários povos germânicos, acontecendo no mês de dezembro. Na ausência de um equivalente do termo, optou-se por manter a palavra original na tradução.

Grande foi o banquete de seu Dia-do-nome⁴, e muitas pessoas vieram para esse evento, os barões do país, e os senhores do povo vizinho que gostariam de ficar em boas graças com o rei; e os mercadores e artesãos e sábios e bardos; e o rei os tomou por ambas as mãos e deu-lhes presentes, e ouviu atento a suas falas e seus contos, como se ele fosse seu muito próximo compadre; pois por mais impetuoso que fosse fora de casa com a espada em seu punho, ainda mais brando e bondoso era ele no salão entre seu povo e os visitantes que o buscavam.

Agora entre os convidados que comiam e bebiam no salão na noite do Dia-do-nome, enquanto caminhava entre as mesas, o rei observou um velho homem tão alto quanto qualquer campeão da hoste do rei, porém muito mais alto ele já foi, encontrando-se arqueado pela idade. Estava ali vestido com uma longa túnica de lã de carneiro sobre si sem tingimento e branca como a neve, e um manto branco, revestido de arminho e orlado com ouro; uma faixa dourada composta por gemas estava em sua cabeça, e uma espada de punho d'ouro ao seu lado; e o rei julgou enquanto debruçava seus olhos sobre ele que jamais havia visto um homem mais semelhante aos Reis do Mundo Antigo do que este. Ao seu lado sentava-se uma mulher velha e muito anciã, mas grande de estatura, e nobre de aspecto, vestida, ela também, com vestes de lã branca bordada com estranhos signos de serpentes e dragões de fogo, e o sol e a lua e a hoste dos céus.

Assim o rei parou seus pés defronte eles, pois já havia percebido que na mesa onde os dois se sentaram havia tido às vezes mais risadas e mais alegria por um longo tempo do que qualquer outro lugar no salão, e às vezes a quietude de um povo que ouvia atentamente ao que deleitava o íntimo de seus corações. Assim, no momento, ele cumprimentou aqueles anciãos, e disse a eles: — Tudo vai bem com vós, vizinhos? E o velho varão⁵ saudou ao rei, e disse: — Há pouquíssima falta nesta casa hoje.

Que falta seria que o senhor aqui encontra? — disse o rei. Então de pronto veio a palavra à boca do varão, e ele cantou numa poderosa voz:

⁴ Celebração similar ao aniversário em alguns países da Europa e da América, onde se celebra um dia do ano associado ao nome do indivíduo. Também conhecido como “onomástico” em línguas latinas, geralmente relacionado a nome de santos da tradição católica.

⁵ “Varão” aqui utilizado como tradução para a palavra inglesa *carle*, empregada pelo autor em seu sentido arcaico de “homem”.



Primeiro a terra havia
Realizada com euforia:
Nossas espadas eram brilhantes
Em verões verdejantes;
E corremos e percorremos montados
Através de invernos descorados,
E comprido e amplo
Era o salão de festim em seu flanco.
E o sol que era afundado
Longo sob o campo duradouro
Suspenso antes que nós embriagados
Alto sobre o ouro;
E como pássaro nos arbustos
Que canta canções no verão
Tão feliz quanto os tordos robustos
Cantou o rei e o povo-do-barão.
Ainda que possa estilhaçar o vento hiberno
A árvore de Thor, o carvalho,
A mão do solstício de inverno
Somente na porta um chacoalho.

– Sim – disse o rei – E diz o senhor que o inverno chegou a meu salão no Dia-do-
nome de meu primogênito?

– Não apenas – disse o varão.

– O que está errado então? – disse o rei. Logo, o varão cantou novamente:

Estivessem homens bastantes
No salão de festim dantes,
E os piores a no banco assentar



Nunca pensaram em titubear
Quando a tempestade surgiu na terra
No enclaustro do deus da guerra;
E para Tyr em seu assento real,
Os melhores se encontravam em total:
E quem exceto o cantor
Era líder e dirigente,
Eu deus do aço, eu lançador
De tesouro vigiado por serpente?
No alto eu estava me sentando
Em meio àquela audiência
E olhava homens esvoaçando
Todos sob minha aparência.
E aquietado por mera admiração
Ficou homem menor ou grandioso
Enquanto minha voz em rima de trovão
Correu por todo o salão suntuoso.

– Sim – disse o rei – O senhor foi um poderoso lorde em dias longínquos, não pensei menos quando primeiro lhe fixei meu olhar. E agora eu o convido a levantar e sentar-se no trono ao meu lado, o senhor e a sua companheira. Não é ela sua muito especial conselheira?

Com isso um sorriso acendeu na face do ancião, e a mulher se virou para ele e ele cantou:

Primavera veio da antiguidade
Nos dias de prosperidade
Na milésima das temporadas
Das milhares de amadas,
Quando nos conhecemos em par
E o hidromel estava a molhar
Com as lágrimas contentes



Dos anos mais excelentes.
Mas nuvem alguma cobria
Os olhos do sol a brilhar
Que a visão no amante descia
Antes da noite a começar.
Amiúde, amiúde veio a saudação
Da primavera e seu regozijo
Ao hidromel de nossa reunião,
Ao campo de nosso beijo.
Está a primavera em óbito?
Está a terra decrescente
Enquanto o audaz e o resoluto
Não retornam novamente?

– Ó rei duma terra feliz – disse o velho homem – Aceitarei vosso convite, e sentar-me-ei ao vosso lado esta noite, que vossa sabedoria possa crescer e os dias que estão por vir possam ser melhores para vós do que os dias que são.

Assim ele falou e se pôs de pé, e a anciã com ele, e foram junto ao rei até o assento real, e todos os homens no salão de banquetes se ergueram e ficaram de pé para observá-los, e julgaram-nos maravilhosos e sua chegada algo grandioso.

Porém agora que haviam se sentado na mão direita e na mão esquerda do rei, ele se virou ao ancião e disse a ele: – Ó lorde dos dias longínquos, e das batalhas que já foram, poderia agora me contar seu nome, e o nome de sua companheira, para que eu possa pedir um brinde ao senhor assim sendo o primeiro de todos os grandes brindes que serão bebidos hoje à noite.

Mas o velho homem disse e cantou:

Rei, vós pensastes
Quão mordida e com desgastes
É no último ano a rosa



Da campina com neve pesarosa?
Ou vós preferis acreditar
Que o vento do inverno a passar
Ainda poderá trazer proveito
Ao conto de vosso salão de deleito?
Mesmo que nenhum outro e esta situação
Se falado na noite deste dia
Fosse o nome do irmão
De deuses da guerra de valentia.
Sim a palavra que tinha abalado
As paredes da moradia
Quando o guerreiro meio acordado
À batalha inflamaria
Vós dormitaríeis se ouvísseis-la
Sequer vos virardes no assento.
Ó tanto tempo desde que temeram-na
Aqueles inimigos do apavoramento!
Inútil, sem sentido
Seu escrito é deixado;
Pois o homem convencido
De virilidade é arruinado.

A essas palavras o rei escutou com atenção, e não encontrou nenhuma palavra em sua boca para responder: mas ele sentou ponderando complicados assuntos, e pesaroso com o pensamento do lapso dos anos, e do minguate florescer de sua juventude. E todos os muitos convidados do grande salão de banquetes sentaram-se calados, e a alegria no salão extinguiu-se entre eles.

Mas o velho homem ergueu sua cabeça e sorriu, e pôs-se de pé, e tomou o copo em sua mão e gritou em voz alta: — O que é isso meus mestres, estais vós apáticos com a carne e bebida nesta primeira hora do banquete? Ou notícias de infortúnio foram conduzidas até vós



sem palavras, que vos sentais tal qual homens atirados à vã esperança, aguardando a chegada da ruína a qual ninguém pode contradizer, e do inimigo o qual ninguém pode superar? Não então, não; pois se vós ficardes sem palavras eu falarei; e se vós ficardes sem alegria eu regojizarei e salutarei o bom vinho às boas-vindas em casa. Mas primeiro pedirei um brinde sobre o copo:

“Aqueles de braços alvos, derramem,
Como as cheias do Reno fluem!
E ó barões⁶ do salão
Eu estendo a todos a asserção
Que vos levanteis e fiqueis de pés ao chão
Com o chifre de beber na mão,
E escutai e ouvi com cuidado
O nome antigo e amado.
Ao LORDE-DA-HOSTE é a bem-aventurança
Quem guardou da antiguidade
A Casa onde está a abastança
A Casa da áurea prosperidade.
E novamente a árvore floresce
Ainda que seja inverno
E nenhum coração dos homens escurece
Da montanha ao oceano.
Vinde vós Lorde, o justiceiro
Vinde, Senhor-da-hoste, outra vez em fé
Aos teus irmãos do salão, guerreiro
Ao Povo do Sopé!”

⁶ Empreguei o título “barão” para traduzir o original *thane*, já que tal título não é de conhecimento ou possui tradução direta em português, mas equivaleria aproximadamente ao título latino de barão nas sociedades germânicas.

Enorme foi naquele momento o súbito clamor no salão, e os gritos dos homens e tinir de chifres e o choque entre armas enquanto todo o povo velho e jovem, grande e pequeno, varões e damas⁷, levantaram-se na Noite do Dia-do-nome. E uma vez mais houve nada além de alegria no salão do Povo do Sopé.

Mas entre o clamor as portas internas do salão foram abertas com força, e por elas entraram mulheres vestidas muito adequadamente em trajes coloridos, e entre elas uma mulher alta em escarlate, trazendo em seus braços o bebê recém-nascido vestido em belo linho e enrolado num tecido dourado, e ela o levou assim até o assento real, enquanto todos os homens gritavam ainda mais do que o imaginável, e abaixaram copo e chifre de seus lábios, e levantaram espada e escudo e elevaram o bramido do escudo no salão.

Mas o rei se ergueu com um semblante alegre, e o pegou de sua cadeira, e desse modo ficou de pé: e todas as mulheres permaneceram aos pés do dossel com exceção da ama, que levou a criança até o rei, e a deu em seus braços; e ele olhou ternamente o infante por um curto período, e depois o ergueu ao alto de maneira que todos os homens no salão o pudessem ver, e assim o deitou na mesa em frente a eles e pegou sua grande lança da parede às suas costas, e traçou o ponto dali transversalmente e através do rosto do garoto de modo que quase arranhou sua carne: no princípio e no final de fato a arranhou o mínimo que seria possível, mas o suficiente para o que o sangue começasse; e enquanto o bebê gemia e chorava, como se precisasse ser cuidado, o rei gritou alto com uma grande voz:

– Aqui eu te marco a Odin do mesmo modo que foram todos de teu clã marcados desde o passado dos tempos em que os Deuses estiveram pela primeira vez sobre a terra.

Então ele pegou a criança em seus braços e a deitou em sua própria cadeira, e gritou:
– Este é Lorde-da-hoste filho do Rei Lorde-da-hoste e Duque do Povo do Sopé, quem senta na cadeira de seu pai e deverá fazê-lo quando eu tiver partido para Odin, salvo se alguém do Povo vier a refutar tal situação.

Quando ele tinha terminado de falar um homem entrou pela porta do salão vestido em seu equipamento de guerra completo, com uma grande lança em sua mão, e cingido com uma

⁷ “Dama” aqui usado para traduzir o vocábulo *quean* do texto original, palavra também arcaica empregada pelo autor com o sentido de “mulher”.

espada, e ele caminhou com estrondo metálico através do salão até o trono e ficou parado ao lado do assento real e ergueu levemente seu elmo e gritou:

– Onde estão agora os refutadores, ou onde está o campeão dos refutadores? Aqui estou eu, Rocha-da-hoste dos Falcões do Povo do Sopé, pronto para se opor aos refutadores?

E ele deixou seu elmo descer sobre a cabeça de novo de modo que seu rosto estava oculto. E um homem caolho e enorme se levantou dos bancos inferiores e gritou numa voz estrondosa: – Ó campeão, renunciaste previamente tua carne e bebida para cantar tão ociosa canção acima da alegria do salão? Desce entre nós, homem, e retira tua armadura e come e bebe e sê alegre; pois de tua fome e sede tenho plena certeza. Aqui não há refutadores, senão todos irmãos, os filhos de uma Mãe e um Pai, ainda que eles possam ter envelhecido um tanto por ora.

Assim houve um clamor novamente, jubiloso com risadas e muitas boas palavras. E alguns homens dizem que, quando o homem falou, o varão e a dama anciãos na contagem dos dias que se sentavam ao lado do assento real, mostraram-se completamente mudados e pareciam aos olhos dos homens como se estivessem no florescer de seus dias, poderosos e encantadores e de semblante alegre: e é contado que nenhum homem conhecia o orador de voz estrondosa, nem de onde ele veio, e que tão logo os homens foram procurá-lo ele havia sumido do salão, e eles não sabiam como.

Seja como for, os dois anciãos abaixaram-se sobre a cadeira onde estava deitado o pequenino e o beijaram; e o velho pegou sua taça e molhou os lábios do bebê com vinho tinto, e a velha pegou um colar de seu pescoço feito de âmbar e prata e ouro e o pôs no pescoço do infante e falou; e a sua voz era muito doce ainda que fosse velha; e muitos ouviram o discurso dela:

– Ó Lorde-da-hoste desta noite, vida longa e sã! Muitas mulheres olharão para ti e poucas que te verão renunciarão a te amar.

Então a ama pegou novamente o bebê e o carregou ao aposento onde se deitava sua mãe, e o povo estava tão feliz quanto feliz seria possível, e nenhum homem contou de regozijo maior e melhor do que a alegria do salão daquela noite. E o velho varão sentou mais uma vez ao lado do rei e estava jovial junto a ele e de muitas palavras, e contou ao rei histórias que ele nunca havia conhecido anteriormente; e todas estas foram a respeito dos feitos valorosos e das

vidas de seus pais antes dele, e contos estranhos do Povo do Sopé e do que haviam feito, e as aflições as quais haviam suportado e os prazeres que haviam ganhado da terra e dos céus e das águas que rodeavam o mundo. E o rei ficou grandemente feliz enquanto escutava a tudo, e pensou que tentaria guardar tudo que ouvia em sua mente por tanto tempo quanto vivesse; pois parecia a ele que quando se separasse dos dois anciãos, naquela noite, nunca mais os veria novamente.

Assim o tempo passou e a noite estava tão tarde que, se fosse verão, já não seria nesse caso noite, mas sim o início do dia. E o rei olhou acima de sua mesa e daqueles dois anciãos, e contemplou o salão, no qual havia poucas pessoas dentro, salvo aqueles que se recostavam contra as paredes das alas, tão rápida tinha a noite passado e todas as pessoas partido ou dormido. Nessa hora ele parecia um homem recém acordado de um sonho, e virou-se para os dois anciãos quase esperando ver seus lugares vazios. Entretanto, permaneciam ainda ao lado de sua mão direita e esquerda; assim ele disse: — Convidados, eu vos agradeço por sua companhia e as boas palavras e os nobres contos com que vós encantáreis esta noite de inverno, e certamente amanhã me levantarei mais sábio do que fui ontem. E agora a mim me parece que vós estais envelhecidos e sem dúvida fatigados com a viagem e a alegria ruidosa do salão de banquetes, sequer posso pedir-vos que permaneçais sem cama por mais tempo, ainda que seria uma grande felicidade para mim ouvir vossa fala. Vinde portanto à habitação superior e mostrarei-vos a melhor das camas e o mais macio e afável lugar para aguardar a ascensão do sol de amanhã; e tarde ele nascerá, pois estamos agora na metade do inverno, e no mais escuro de todos os dias do ano.

Então respondeu o velho: — Eu vos agradeço, ó filho do Clã; mas assim é que devemos prosseguir mais além do que vós possais julgar; sim, de volta à terra de onde viemos muitas semanas de anos atrás e antes da construção de casas na terra, entre a montanha e o mar. Portanto se vós deveríeis fazer algo para nos honrar, que venhais nos ver um pouco pela estrada no campo aberto, sem as muralhas de vosso Burgo: assim poderemos partir de tal maneira que seremos amigos queridos enquanto vivermos, vós e vosso, e eu e meu.

— Esse não é um grande pedido — disse o rei — Mas eu faria mais pelo senhor; todavia, que seja como o senhor deseja.

E levantou-se da mesa e eles com o rei, e passaram pelo salão entre o povo adormecido e os bancos que antes haviam estado tão ruidosos e alegres, e para além das portas foram todos os três até a rua do Burgo. Abertos estavam os portões do Burgo e ninguém lá os vigiava, pois não havia ninguém a quebrar a paz dos tempos de Yule; assim o rei seguiu em frente vestido em seu traje de banquete, e os dois foram, um de cada lado dele. A geada do meio do inverno estava rígida sobre a terra, de modo que poucas águas estavam fluindo, e toda a face do mundo estava deitada sob a neve: alta estava a lua e grande e redonda num céu sem nuvens, de maneira que as estrelas pareciam diminutas.

O rei fixou seu olhar em direção às montanhas e caminhou a largos passos através da estrada branca entre a fecundidade oculta dos acres, e ele estava como uma pessoa que ia numa missão que não poderia renunciar; mas finalmente disse: – Para onde seguimos e para quão longe? Destarte falou o velho: – Para onde mais iríamos salvo o Sopé da Montanha, e a entrada à terra de onde o povo despontou, quando grandes eram seus guerreiros e breve era o conto a respeito deles.

Então o rei não falou mais, mas pareceu-lhe que seus pés aceleraram além de seu habitual, e como se aqueles dois o carregassem de tal modo que seus pés fossem apenas luz na face da terra.

Dessa forma eles passaram a planície e as serras cobertas de neve aos pés da montanha em pouco tempo, e chegaram diante à garganta escancarada e passagem estreita em direção ao coração das montanhas, e não havia nenhum outro caminho para lá salvo este; pois noutros lugares, os penhascos surgiam como muralhas da região das planícies. Severa era essa passagem, e altos os seus lados abaixo da neve, que se encontrava amontada ao topo, assim que agora haviam suaves declives brancos em ambos os lados da estrada apertada da passagem; enquanto o vento havia soprado tal estrada quase limpa de neve na maior parte dos lugares, o qual mesmo agora seguia como um turbilhão e sem rumo abaixo da lua ampla. Pois o vento ainda soprava embora a noite fosse velha, e o som dele nas fendas das rochas e nas sinuosidades da passagem era como o estalido do trovão de verão.

Subindo pela passagem eles foram até que ela se alargou, e havia um largo espaço em frente a eles, a subida sendo como escadas para aquela direção, e também a subida desse ponto em direção à passagem superior; e tudo ao redor das rochas era alto e íngreme, de modo que

não havia caminho acima delas salvo o voo do pássaro; e se não fosse inverno haveria um delicado riacho fluindo a volta do lado oriental da parede do penhasco que se perdia nas reentrâncias das rochas na extremidade inferior daquele salão circular da montanha, sem teto e sem pilares. Em meio à maior parte do local a neve estava acumulada alta; pois lá no verão ficava um monte gramado em meio a um pequeno e redondo prado de grama fresca, sem árvores, com blocos espalhadas aqui e acolá que haviam sido trazidos para baixo e até lá pelas águas da montanha superior; e por eras além do que a memória dos homens poderia dizer disso havia sido o Lugar Sagrado e Ponto de Encontro do Povo do Sopé.

Agora todos os três subiram ao monte coberto de neve, e aqueles dois se viraram e defrontaram o rei e ele viu seus rostos claramente, tão brilhantes quanto estava a lua, e agora era como se não fossem mais enrugados e encovados e de olhos fundos, embora dificilmente um homem poderia dizer que pareciam jovens, mas extremamente belos eram, e olharam para ele com olhos de amor, e o varão disse: — Lorde do Povo do Sopé, pai do filho recém-nascido o qual o Povo esta noite escolheu como pai deles, e a imagem daqueles que já foram, nós vos trouxemos ao Local Sagrado para que possamos dizer uma palavra a ti e dar-te um aviso dos dias a vir, de modo que se for necessário vós possais evitar o mal e seguir com o bem. Pois vós éreis nosso querido filho, e vosso filho é ainda mais querido para nós, uma vez que seus dias serão mais longos se o fado⁸ assim o quiser. Escutai com atenção a isto pelo símbolo que sob a grama, embaixo desta neve, jaz o primeiro do Povo do Sopé daqueles que vêm à terra e a ela se vão; e este era meu próprio filho gerado nesta mulher que aqui está em pé. Pois sabeis vós que sou Lorde-da-hoste dos Dias Antigos, e de mim é todo o sangue de vós vindo; e querido é o sangue dos meus filhos e meu nome até mesmo naquilo que vi ser derramado no campo e no marco, na grama e na granja, sem as muralhas das guardas e através das fontes solitárias dos lugares desertos. Escutai portanto com atenção, Lorde-da-hoste o Pai de Lorde-da-hoste, pois nós olhamos para dentro da vida de vosso filho; e isto dizemos é o destino dele; sem filhos será ele exceto se se casar onde se encontra seu desejo; pois de todo seu clã ninguém é mais voluntarioso do que ele. Com quem pois ele deverá se casar, e onde está a Casa que lhe é leal

⁸ O texto original utiliza-se da palavra *weird* em seu sentido arcaico, provindo do inglês antigo *wyrd* e tendo como significado “destino”; dessa forma, optou-se pelo também arcaico “fado” para traduzir esse sentido.



e que vós não ouvistes falar a respeito? Por quanto ao se casar com o desejo dele na Casa de que vós conheceis, e a Linhagem dos Moradores-do-mar, não buscai por isso. Onde assim está a Casa do casamento dele, para que o Povo do Sopé não perca seu Chefe e torne-se servo daqueles que são piores do que eles? Eu não posso vos dizer; e se eu pudesse, não vos ajudaria em nada. Porém isto vos direi, quando vosso belo filho estiver com quinze invernos, até o momento que estiver com vinte invernos e dois, o mal irá atacá-lo de surpresa: mal da espada, mal do cordão, mal da haste, mal do ataque súbito, mal da caverna, mas da onda. Ó Filho e pai de meu filho, prestai atenção na minha palavra e deixai-o ser vigiado durante esse tempo como ninguém foi vigiado e guardado de todo vosso clã dos que se vieram antes, para que quando seu tempo chegar e ele parta desta terra não vagueie para o lado mais distante da ponte que vai até o Salão dos Deuses, pelo próprio medo de envergonhar-se entre os bravos guerreiros e geradores do clã e pais de filhos que amo, que irão um dia se sentar e jogar às douradas mesas na Planície de Ida.

Assim ele falou, mas o rei disse: — Ó Lorde-da-hoste dos Antigos tenho um julgamento do que o senhor foi, e que tinha uma palavra para mim. Irá agora me contar mais uma coisa? De que maneira devo guardar nosso filho do mal até que sua alma esteja fortalecida, e os Espíritos-sábios⁹ e os Anciãos sejam amigos, e a vida do guerreiro esteja nas mãos dele e os dias de um chefe do nosso povo?

Então o varão sorriu para ele e cantou:

As terras são espaçosas
Onde se sustentam as casas,
Lá ruína e dificuldade
Vós encontrareis em raridade;
Lá a espada é chão

⁹ O autor utiliza o termo *Wise-wights*, onde o substantivo *wight* é de difícil tradução para o português nesse contexto. Pode ser entendido como uma criatura viva consciente em seu sentido mais antigo, que pode ou não ter um aspecto espiritual, um fantasma, morto-vivo ou simplesmente uma entidade espiritual em seu sentido mais moderno (HOAD, 2002). Optou-se por “espírito” pelo caráter mais aberto da palavra, e pela natureza obviamente benéfica trazida por Morris na escolha, sem relação com significados mais negativos relacionados a mortos-vivos ou fantasmas.



E abunda a lesão;
E belas mulheres
Lá tecem as redes de amores.
Corações alegres no Monte
Vales os pastores guardam,
E ao redor da Bela Fonte
Mais do que suas ovelhas precisam.
Do Vale da Torre
Onde as fontes saltam
Na hora que o sol morre
Eles falam e eles contam;
E muitas vezes imaginam
Donde vem o nome
E quais contos lá abaixo repousam
Por honra ou vexame.
Pois ao lado da fonte jorrante
Agora não há alguma fortificação
Todavia o presságio raramente
O destino dirige em incorreção.

Disse o rei: — Eu ouvi contar da Bela Fonte e do Vale da Torre; embora nunca tenha posto meus olhos neles, e julgo que será difícil encontrá-los. Mas o senhor quer dizer que nosso filho que nasceu o Pai do Povo lá habitará durante o período de perigo?

Mais uma vez cantou o varão:

Homens sinceros e de bem,
Eles dão e fazem
Nos vales gramados
Daquela terra de contos;
Onde vale e descida



Ainda veste a grinalda
Da flor e do fruto
Da raiz de nosso contato.
Lá pouco é o homem que transpira
Em dificuldade e labutação,
E em alegria ele não se lembra
Do feudo e da frustração.
A arma ele orienta
Perseguindo o veado,
E em paz a lua se completa
Que termina o período.
Lá moram nossos irmãos ainda mesmo,
E deveriam eles apenas saber
Que deles de todos outros vosso ramo
Foi plantado para crescer
Ao lado da Bela Fonte,
Quão contentes foram homens tais
Do Deus do Monte
Assim retorne uma vez mais.

Então disse o rei: — Devo cumprir com o destino e construir uma Torre no Vale para nosso Filho? E o senhor julga que ele deverá habitar lá alegremente até que o tempo de perigo seja transposto?

Mas o varão bradou, — Olhai, olhai! Quem é aquele que brilha vindo pela passagem?

E o rei se virou apressadamente e sacou sua espada, mas não viu nem homem nem espírito na montanha, e quando se virou novamente para aqueles dois, eis que haviam sumido sem rastros, e não havia nada na passagem salvo a neve e o vento, e as longas sombras lançadas pela lua poente. Assim ele se virou outra vez e desceu pela passagem; e até esse momento ele havia chegado na primeira província da planície uma vez mais, e a lua estava baixa e as estrelas brilhavam fortes e grandes; mas até mesmo no silêncio do meio de inverno havia uma

fragrância exterior da chegada da aurora. Assim veio o rei o mais rapidamente que podia de volta ao Burgo e sua Alta Casa; e estava contente no íntimo de seu coração de que havia visto o Deus e Pai de seu Povo.

Análise: A questão da sacralidade ancestral e a religiosidade nórdica no conto de William Morris

The Folk of the Mountain Door é um conto que se apresenta algo de diferente aos poemas de inspiração nórdica de William Morris ou mesmo às sagas estudadas pelo autor, pois contém uma ausência de conflitos, disputas e principalmente de tragédia em suas formas tradicionais, abrindo espaço para uma reflexão espiritual a respeito de ancestralidade, liderança e os laços que unem uma comunidade. Nesse sentido, faz-se necessário ressaltar três pontos principais da narrativa com evidente vinculação à espiritualidade e mitologia nórdica: a identidade do ancião e da anciã que frequentam as festividades do Dia-do-nome do futuro rei, o local na montanha visitado pelo rei ao final do conto, e a aparição de uma figura alta misteriosa nas festividades do salão de banquetes, bem como a relação deste com o culto aos ancestrais que pode ser observado ao final do conto.

A maneira como os anciãos são apresentados os separam do resto das pessoas presentes no salão de banquetes do rei, começando por sua altura, que rivaliza a dos grandes campeões do local, até a maneira que se vestiam, cujas roupas feitas de lã pura parecem antiquadas ou chamativas em relação ao resto das pessoas presentes. Mais interessante é o reforço da branquidão dessas vestes, elemento este que Neil Cartlidge analisa como um aspecto fantasmagórico do imaginário do Outro Mundo conforme este aparece em romances medievais ingleses, como por exemplo *Sir Orfeo*, onde há cores fortes e quase uma uniformidade de branquidão para ressaltar a beleza e alteridade do sobrenatural (Cartlidge, 2004, p. 202); conhecendo bem o material literário pertencente ao período do inglês médio, Morris pode ter empregado tal ênfase na cor branca das roupas dos anciãos para sinalizar uma alteridade similar. Além disso, o modo de comunicação do ancião na narrativa, no sentido de falar em grande parte do texto apenas por meio de canções e poemas, bem como a característica enigmática tanto de sua presença quanto de seu discurso, traz semelhanças com

as falas da vidente em *Völuspá* (“A Profecia da Vidente”) do *Edda Poético*¹⁰, no sentido do ancião revelar, pouco a pouco e a cada poema que canta, aspectos do passado, presente e do futuro para o rei, similarmente à maneira como a vidente revela e responde às perguntas de Odin no poema eddaico.

A revelação dos anciãos serem de fato os ancestrais do rei e do Povo do Sopé, prenunciado ao longo do conto, adentra em uma questão importante dentro da religiosidade do período pagão nórdico, a dizer, o culto ao rei que possivelmente existia na época. O questionamento referente à existência ou não de uma sacralização da realeza, em vida ou em morte, ainda é largamente discutido na academia, sendo Rory McTurk um dos primeiros a definir tal termo de maneira geral: “um rei sacro é aquele que é marcado separadamente de seus companheiros por uma aura de especialidade a qual pode ou não ter sua origem em associações mais ou menos diretas com o sobrenatural”¹¹ (McTurk, 1976, p. 156). Em artigo posterior, McTurk revisa tal definição ao dizer que de fato um rei sacro deve ter seu caráter especial herdado de uma origem sobrenatural, pois não acredita ser possível adquirir sacralidade de maneira natural, como por meio somente de sua linhagem familiar ou sua personalidade, apenas por meio de uma fonte divina ou mágica (McTurk, 1994-97, p. 30). Ainda que semi-lendária, a descrição dada na *Saga de Hálfdan, o Negro*, contida no *Heimskringla* de Snorri Sturluson e traduzida do nórdico antigo ao português por Pablo Gomes de Miranda (2011), demonstra a importância do rei sacro no imaginário nórdico medieval; nessa perspectiva, inclui-se aqui a passagem da saga referente a este tema, por meio da tradução realizada pelo próprio William Morris em co-autoria com Eiríkr Magnússon:

He had been of all others a king of plenteous years; and so much men made of him, that when they heard he was dead, and his body brought to Ringrick, where folk were minded to bury it, then came great lords from Raumrick and

¹⁰ Atribuição moderna a uma coleção de poemas anônimos escritos em nórdico antigo, registrados no manuscrito islandês medieval chamado de *Codex Regius*, o qual se acredita que foi escrito, por sua vez, no século XIII. Difere, nesse sentido, do *Edda em Prosa*, este escrito pelo estudioso islandês Snorri Sturluson também no século XIII, sendo que Sturluson cita em sua versão diversas passagens de poemas do *Edda Poético*.

¹¹ “a sacral king is one who is marked off from his fellow men by an aura of specialness which may or may not have its origin in more or less direct associations with the supernatural”. Tradução minha; doravante, todas as traduções de originais em inglês serão minhas.

Westfold and Heathmark, and all prayed to have the corpse with them, to lay it in mound among their own folk, deeming that they who got it might look to have plenteous years therewith: so at last they agreed to share the body in four, and the head was laid in mound at Stone, in Ringrick. Then of the others each took away their share, and laid it in mound; and all the mounds are called Halfdan's mounds. (Morris, Magnússon, 1893, p. 86-87)¹²

A influência da visão do rei contida nessa saga é clara no conto de Morris, onde o ancião assume posição devidamente divina ao ser compreendido como Deus e Pai de seu povo pelo rei ao final da narrativa. De grande relevância, nessa perspectiva, é o local ao qual os anciãos guiam o rei através do caminho entre as montanhas: um monte gramado, revelado como o túmulo do filho dos anciãos e primeiro rei do Povo do Sopé. Ademais, o monte é conhecido como um local sagrado e antigo ponto de encontro na narrativa, sendo este último termo diretamente relacionado à Thing das sociedades germânicas antigas, forma de assembleia comumente associada à cultura escandinava medieval, onde decisões e julgamentos concernentes à comunidade eram tomados. Há evidências de que a Thing possuía uma conexão com o sagrado, elemento este aparecendo inclusive nos *Eddas Poéticas* como tal, conforme aponta Anne Irene Riisøy (2013, p. 28). Levando em consideração esses aspectos, torna-se evidente não apenas a utilização dos estudos escandinavos medievais no conto, mas também a inspiração trazida pelo trabalho que Morris realizou na tradução das sagas em sua própria escrita literária.

Dentro dessa perspectiva, a questão da importância existente em nomes para Morris salienta a conexão entre o inglês de seu conto e o nórdico antigo das sagas, com nomes que poderiam ser alcunhas nas histórias mitológicas, e lugares cujos nomes são substantivos comuns trajados de significação maior: *Host-lord, the Kindred, the Burg, the Mountain, Motestead, Fair Fountain, Dale of the Tower*, entre outros. Isolde Herbert explica que, para Morris,

¹² “Ele tinha sido entre todos os outros um rei de anos abundantes; e os homens o tinham em tão alta conta, que quando ouviram que ele havia falecido, e seu corpo levado a Ringrick, onde o povo estava disposto a enterrá-lo, vieram então grandes senhores de Raumrick e Westfold e Heathmark, e todos suplicaram para levar o corpo com eles, para deitá-lo num monte tumular entre seu próprio povo, julgando que quem o tivesse poderia esperar ter com isso anos abundantes: assim por fim concordaram em dividir o corpo em quatro, e a cabeça seria posta num monte em Stone, em Ringrick. Então cada um dos outros levou sua parte, e a colocou num monte; e todos os montes tumulares são chamados de montes de Halfdan.”

[...] nomes são a história futura: inicialmente, eles ‘mapeiam’ a demografia e o território espacial juntamente com as intimações transcendentais evocadas por esses fenômenos. Com o tempo, eles ganham significação mitológica e dotam um povo com tradições e história; consequentemente, a veracidade dos nomes deriva de suas funções como índices da percepção, genealogia e códigos de conduta de uma comunidade. (Herbert, 2003, p. 85)¹³

Dessa forma, *The Folk of the Mountain Door* não apenas é um conto escrito por William Morris, mas poderia ser mais uma das sagas traduzidas pelo autor: o Povo do Sopé, ainda que claramente fantástico e literário, tem em sua sociedade e espiritualidade uma verossimilhança única, que confere ao texto historicidade paralela à historicidade das sagas islandesas, no sentido de que seu pertencimento ao século XIX é posto em cheque pelo imaginário trazido em seus nomes e apresentação. Nesse sentido, cabe ressaltar que o paganismo presente no conto de Morris é também uma referência às sagas, nas quais “[...] mesclam-se elementos de fundo lendário e mitológico bem mais antigos, que remontam ao passado pagão dos povos nórdicos” (BRUCHARD, 2015, p. 106).

O último elemento a ser considerado na narrativa é a figura misteriosa que interrompe o desafio do campeão aos refutadores. A descrição física da figura, um homem alto e caolho, aponta certamente para o deus nórdico Odin (Óðinn, em nórdico antigo). Seguindo o padrão estabelecido ao longo da narrativa, sua presença no conto não leva ao conflito, como muitas vezes é frisado na mitologia, levando em consideração seu aspecto como deus da guerra; vide, por exemplo, *Hárbarðsljóð* (“Canto de Hárbarðr”), onde Odin, disfarçado como Hárbarðr, diz o seguinte a Þórr: “Eu estava em Valland, e promovi a guerra / eu incitei os príncipes a nunca fazerem a paz; / Odin fica com os nobres que caem em batalha” (Larrington, 2008, p. 73)¹⁴. Além disso, Edward Turville-Petre (1975, p. 65) ressalta que Odin era capaz de “[...] cegar, ensurdecer e causar pânico em seus inimigos, tornando suas armas tão sem corte quanto

¹³ “[...] names are future history: initially, they "map" demographics and spatial territory together with the transcendental intimations evoked by these phenomena. Over time, they gain mythological significance and endow a people with traditions and history; hence, the veracity of names stems from their function as indices of a community's perception, genealogy, and codes of conduct”.

¹⁴ “I was in Valland, and I waged war, / I incited the princes never to make peace; / Odin has the nobles who fall in battle”.

gravetos”¹⁵. Contrariamente, a figura de voz estrondosa que aparece no conto apazigua com sua fala um momento de tensão no salão de banquetes, levando os presentes a perceberem o quão desnecessário se faz o ritual de conflito contra possíveis refutadores à marcação do filho do rei como futuro líder do povo. Nesse sentido, Morris ressalta outro aspecto do deus Odin, isto é, seu título de *Fjölsviðr* (Sturluson, 2005, p. 31), “Muito Sábio”, cujas palavras trazem conselhos e não conflitos. Sua desaparecimento logo em seguida traz em mente outro de seus títulos, *Gangleri* (Sturluson, 2005, p. 31), “Andarilho”, cuja passagem entre os homens é breve mas carrega transformações duradouras.

Nessa perspectiva, a menção implícita de Odin e explícita de Tyr e Thor no conto – bem como a ausência de referências a elementos cristãos na narrativa – demonstra que o Povo do Sopé é retratado como uma comunidade imaginária baseada nas sociedades pagãs escandinavas, ponto este reforçado por mais uma conexão explicitada na narrativa: o fato dos reis do Povo do Sopé serem marcados diretamente para Odin, sendo que o próprio rei menciona o momento de retornar a este deus em sua morte. Tal relação próxima com o deus revela mais um dos títulos que Morris possivelmente tinha em mente ao escrever seu conto, isto é, o *Alföðr* (Sturluson, 2005, p. 31), o “Pai de Todos”, entendido neste sentido não necessariamente como pai literal do Povo do Sopé, mas como figura criadora dos indivíduos deste povo, o qual retornam a seu criador quando morrem. Curiosamente, esse retorno não se dá em Valhalla, o conhecido salão de Odin e pós-vida nórdico para guerreiros, como seria esperado num conto com inspiração nórdica escrito num período em que a visão inglesa dos vikings focava-se, como caracteriza Heather O’Donoghue (2014, p. 63), na ideia de um povo nobre, intrépido, explorador e, ao mesmo tempo, conquistador e guerreiro. Pelo contrário: apesar de Morris utilizar-se de um “Salão dos Deuses” onde os ancestrais do rei se encontrariam, ele identifica um lugar em particular para esse encontro, o qual o autor chama de Planície de Ida. Esse local aparece tanto em *Völuspá* quanto no *Edda em Prosa* de Snorri Sturluson com o nome de *Íðavöllr*, o qual John Lindow traduz como “[...] ‘campo eterno’, ‘campo cintilante’ ou ainda ‘campo das buscas [dos deuses]’” (2002, p. 198)¹⁶, sendo um ponto de encontro entre os deuses. Nesse sentido, pode-se interpretar que Morris faz referência a um

¹⁵ “[...] blind, deafen and strike panic into his enemies, making their weapons as blunt as sticks”.

¹⁶ “[...] ‘eternal field’ or perhaps ‘shimmering field’ or even ‘field of pursuits [of the gods].’”

pós-vida onde ancestrais e deuses compartilham a existência em proximidade, ou ainda que a divisão entre deuses e ancestrais não envolve fronteiras claras, ponto este que Olof Sundqvist explana haver também evidências na era Viking (2015, p. 191).

Por fim, percebe-se que Morris dedicou muito de seu tempo pensando sobre os estudos que realizou na Islândia e a respeito da Escandinávia Viking, especialmente a maneira como a visão de mundo destes poderia servir de exemplo e contraponto à sociedade do período em que viveu. Mais do que tudo, a questão da comunidade e dos laços contidos na passagem do tempo permitem ao conto aqui traduzido o diálogo entre o passado e futuro em diversos níveis diferentes, seja entre Morris e a era Viking, o rei e seu antepassado, ou o século XXI do contexto do português e o século XIX do inglês de Morris. Sua linguagem vive e interpenetra o presente tal como os anciãos de seu texto.

Referências bibliográficas

Fontes primárias:

LARRINGTON, Carolyne. *The poetic Edda*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MORRIS, William. "The folk of the mountain door". In: _____. *Complete works of William Morris*. East Sussex: Delphi Classics, 2015. Ebook.

STURLUSON, Snorri. *The prose Edda*. Traduzido por Jesse L. Byock. Londres: Penguin, 2005.

Fontes secundárias:

ASHURST, David. "William Morris and the Volsungs". In: CLARK, David; PHELPSTEAD, Carl (orgs.). *Old Norse made new: essays on the post-medieval reception of Old Norse literature and culture*. Londres: Short Run Press, 2007. pp. 43-61.

BENNETT, Phillippa; MILES, Rosie (orgs.). *William Morris in the twenty-first century*. Bern: Peter Lang AG, Internationaler Verlag der Wissenschaften, 2010.

BRUCHARD, Dorothée de. *Tradução, edição. William Morris e o livro ideal*. 2015. 265 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.



- CARTLIDGE, Neil. "Sir Orfeo in the otherworld: courting chaos?" *Studies in the Age of Chaucer*, vol. 26, 2004, pp. 195-226. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/587158/pdf>.
- HERBERT, Isolde Karen. "'Making the past part of the present': the recovery of names in William Morris's late romances". *Names A Journal of Onomastics*, 2003, vol. 51, n. 2, 2003, pp. 83-109. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/294841216_Making_the_Past_Part_of_the_Present_The_Recovery_of_Names_in_William_Morris's_Late_Romances.
- JOYCE, James. *Stephen Hero*. Nova Iorque: New Directions, 1963.
- LINDOW, John. *Norse mythology: a guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2002.
- MACCARTHY, Fiona. *William Morris: a life for our time*. Londres: Faber & Faber, 2015.
- MCTURK, Rory. "Sacral kingship in ancient Scandinavia: a review of some recent writings". *Saga Book*, vol. 19, 1975-1976, pp. 139-69.
- _____. "Scandinavian sacral kingship revisited". *Saga Book*, 1994-1997, vol. 24, pp. 19-32.
- MIRANDA, Pablo Gomes de. "Halfdanar saga Svarta - A saga de Hálfðan, o Negro". *Brathair*, 2011, vol. 11, n. 1, pp. 116-122. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/705>.
- MORRIS, William; MAGNÚSSON, Eiríkr. *The stories of the kings of Norway called 'the round world' (Heimskringla) by Snorri Sturluson: done into English out of the Icelandic*. vol. 1. Londres: Bernard Quaritch, 1893.
- O'DONOGHUE, Heather. *English poetry and Old Norse myth: a history*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- PARRY, Linda. *William Morris textiles*. Nova Iorque: The Viking Press, 1983.
- RIISØY, Anne Irene. "Sacred legal places in eddic poetry: reflected in real life?" *Journal of the North Atlantic*, 2013, vol. 5, pp. 28-41. Disponível em: https://www.academia.edu/9730597/Sacred_legal_places_in_eddic_poetry_reflected_in_real_life.
- SUNDQVIST, Olof. "The Pre-Christian cult of dead royalty in Old Norse sources: medieval speculations or ancient traditions?" *Scripta Islandica*, 2015, vol. 66, pp. 177-212. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:889747/FULLTEXT01.pdf>.



TURVILLE-PETRE, Edward Oswald Gabriel. *Myth and religion of the north: the religion of ancient Scandinavia*. Connecticut: Greenwood Press, 1975.

WEINROTH, Michelle. "Introduction". In: WEINROTH, Michelle; BROWNE, Paul Leduc (orgs.). *To build a shadowy island of bliss: William Morris's radicalism and the embodiment of dreams*. Montreal & Kingston: McGill-Queen's University Press, 2015. pp. 3-34.